

[E]xU-[A]n[A]rc[A]:

Ser anarquista de uma anarquia só, é pouco! Quero todas as anarquias!

l[É]O:|:pIm[E]nt[E]l:|:sOUtO;

[A]m[A]nt[E]:|:d[A]:|:h[E]r[E]sI[A],

julho de 2016

Anarqueologia de movimento esférico

Ao escavar filosoficamente as histórias de um delírio... aquelas que impeliram os navios negreiros tomados de assalto, por africanas e africanos insurgentes, para tornarem-se navios piratas de brilhante vingança negra, nascidas na zona crepuscular, cinza, das origens libertárias das invenções rebeldes que se entrecruzam e se bastardiam... vê-se que merecem cuidados mais apurados. Pois, as utopias que despertam desse delírio perpassam estas nossas belas filosofias pretas funcionando como sortilégios. Tal aventura de escavação, até então ocultada pelas mentes mais esclarecidas, cruza as brumas e as cintilações das ilhas-quilombos. Cabe-nos hoje saborear os venenos mais indigestos da imaginação anárquica para irmos para além do esclarecimento, para enfim, chegarmos ao melhor das mentes mais enegrecidas... aquelas que encontram-se alojadas nos recantos crepusculares do conhecimento de negras e negros tornadas escravas que se libertaram por si só e tiveram que recriar com fragmentos de memória e fantasia, inventivamente, suas culturas e seu sobrenatural, até então, usurpados pela civilização escravagista-cristã.

Trata-se aqui de uma cobiçada utopia proibida; de um perigoso sonho pirata somali de uma realidade 2.0; de um pecaminoso experimento de pensamento

afrohackeado por ronins quilombolas negrafuturistas. Assim abordo o tesouro preto que encontrei nesta autoral anarqueologia de movimento esférico. Abordagem esta que há de nos distanciarmos de todas as metodologias ou, ao mesmo tempo, optarmos por todas elas.

[E]xU-[A]n[A]rc[A]!

O tesouro preto encontrado!

[E]xU-[A]n[A]rc[A]!

Anarqueologia de movimento esférico!

[E]xU-[A]n[A]rc[A]!

O anti-demônio da perversidade que me tornei!

Em segundo lugar, temos o atual estagio fractal da Anarquia cujas cores são o preto e o vermelho; cujos elementos são a terra e o fogo; cujos domínios são o sexo, a magia, a união, o empoderamento, e a transformação. Sem equivalência, seja ela natural ou mesmo sobrenatural, seja ela positiva ou negativa, a Anarquia irradia, como a energia escura, em todas as direções em dispersões aleatórias e caóticas. No entanto, sem perder sua sombra, seu rastro, seu horizonte pré e pós anarquismo histórico. Não perde a ação direta da comunicação (propaganda pela ação), da paciência (assembleias horizontais), da ordem (auto-organização) e da disciplina (apoio mútuo). Ocupa encruzilhadas onde cruzam racionalidades e paixões que nos escapam. A Anarquia aqui, quando se dispersa até sair de vista e assim, parecer desaparecer, na verdade ela está regressando a um espaço com uma curvatura que devemos ousar imaginar. Esta anarqueologia de movimento esférico aqui feita é de uma fantástica insensatez que ronda, róí e cerca as razões as quais são tecidas a história ocidental. É provocadora, indecente, astuciosa e sensual. E por isso, vale um alerta:

- Alto lá cristandade! Não confundas com Satanás!
- Pois não há Deus algum para se fazer oposição!
- Portanto, aqui não há personificação de mal algum!

Sim! Isto que aqui eu estou desenhando é justamente aquilo que a história do escravagismo-cristão tenta traçar como a anti-história, o anti-pensamento, a anti-filosofia, a anti-imaginação, a história dos limbos e da morte, os territórios proibidos aos nossos corações, a sombria ciência e tecnologia dos párias, malvados momentos de aventura rumo ao abismo, reflexos distorcidos de profundezas insondáveis. No entanto, não é qualquer desenho. Pois a pedra filosofal que orienta meu traço é a Yanguí, que enfeitada com fileiras de búzios, me faz transmutar o acerto em erro e o erro em acerto.

Dentre as Anarquias, um Exu

1. Dizem existir um terreiro, onde os Exus e as Anarquias se encontram através dos tempos. Sussurram entre seus ouvidos a verdade do empoderamento e da necessidade a quem o sussurro é dirigido. Sopram orixás sobre aquela e aquele que está oprimida ou precisando de insurreição.
2. É na sola do pé que tudo se sente. Por ela os Orixás Panteras Negras prometem que, se o sussurro certo chegar até ti, pode-se evocar o poder da energia escura do cosmos, os fractais psíquicos do orixá mais importante, e trazê-lo para guardar o caminho da forma vital das Anarquias.
3. As Anarquias estão entre os universos das racionalidades e dos mitos. São as articulações e os buracos negros aos quais esses múltiplos mundos giram. Para fazermos oferendas a Elas usamos um prato de farofa preta, acasá de milho roxo, azeite-de-dendê enegrecido e cachaça escura.

4. Há um Exu recém trago à forma vital arriado graças as Anarquias. Tal é guardião de um segredo vertiginoso. Segredo este que sempre descobre um meio de sair. Saindo à tona, ou melhor, insurgindo, deixa todo o tipo de cicatrizes, de feridas-vertigens de combate.
5. Trago à forma vital, tal Exu é capaz de suportar nossos uivos niilistas, nossos desejos por revoluções que dispensem o ônus de ter que revolucionar-se. Por tal capacidade, Ele nos abraça, nos força a termos marcas de combate, as feridas-vertigens. Nos faz desobedecer as estruturas heroicas de qualquer tipo de nacionalismo para tornar-nos seres trágicos de força primitiva e selvagem sem fronteiras e nações.
6. [E]xU-[A]n[A]rc[A]! eis o recente Exu!
7. Sensual como romper as regras do silêncio. Dominador como a reinvenção de nosso passado. Inteligente como enegrecer o pensamento. Amante do barulho que incomoda o realismo conformista. Adorador de festas onde se realizam a mais plena anarquia dos gêneros. Vingativo e cruel contra a colonização, o embranquecimento e a escravidão.
8. Viajante instigador, falante de várias línguas sedutoras que flerta sem pudor com as Anarquias. Seu ogó é reinventado como signo transgênero que nos leva a experimentar mundos compostos por pelo menos 5 gêneros diferentes.
9. Não deve ser confundido como receptáculo de uma força exterior que o diferencia de seu próprio meio.
10. Dentre os Exus, ele não foi escolhido entre muitas possibilidades. Sua escolha seguiu a extrema importância de ter sido feita em razão de uma

possibilidade única.

11. Por motivos de insurgência espiritual negra, a realidade preta não é uma função de imitação de um arquétipo celestial ou de um arquétipo continental. Ela é conquistada por tomada de assalto do simbolismo da afrodescentralidade étnica, da diáspora forçada e da re-existência em quilombos.
12. Anarquia preta. Fluidez preta. Ethos preto. Escurecimentos não contemplados pela rigidez dos sistemas ontológicos fornecidos pela tradição filosófica que insiste em dividir as realidades entre coisas imaginárias, reais e ideias.
13. [E]xU-[A]n[A]rc[A]: propósito, plano, intenção, meta, esquema maligno sem mal algum, conspiração, forma, estrutura básica, tramar algo, simular, projetar, configurar, proceder de modo estratégico, engendrar armadilhas.

Diáspora (África) > Quilombo (Brasil) > Internacional ExuAnarquista (Mundo e além)

As ações Negrohackeristas, havendo já sentido do mais profundo banzo, deixaram aquele país, voluntariamente, indo-se para todas as partes. (...) Desta vez, se afastaram muito longe da Afrodescendência, ainda que, o mais afastado fossem, dialogam com o belo pretume do futuro que tem o passado como horizonte.

(...)

Não somente abastou às Anarquias de nossas insurgências uma vez, mas ainda com nossa rebeldia em todas suas oferendas, e terra em que se aquilombaram e re-existiram. (ExuAnArcA, *Crônicas da Insurgência de todas*

as Santas, 2453)

Elas [as Negras Piratarías] tinham por errância que nós utopistas de utopias proibidas tomávamos de assalto toda tecnologia e ciência, e que sabotávamos as distopias progressistas do ocidente, invasores-bandeirantes-colonos-pioneiros, senão por diversão; por isto queriam nossos favores sexuais por insurgência de gênero, pois, só assim, nos abençoariam... (ExuAnArca, *Reescritas Navegantes*, 2455)

Em acaso feliz, interceptaram estes navios negreiros, e ao capitão-mor se dirigiu, em regência paradoxal de ânimos, uma das Anarquias; e aqueles Exus com quem mantinha presos em correntes no porão de tais navios, levaram tal capitão-mor à responder pelos crimes da cristandade escravagista. E a primeira maldição que lhe direcionaram foi esta: “Saudações ancestro|rebeldes / Ó, Esfera Preta, Resplendor do Movimento / Orixá Anarcapunk de todo maravilhoso crepúsculo dentro de mim / Ó, Infinito Preto, zona crepuscular de mim mesma / Vão! Destruam todos os Senhores, Capitães do Mato e Traficantes de Escravos / e se não o fizerem / considerem-se cúmplices da escravidão e da desumanização do povo preto – pelo efeito do feitiço / Larôye!” (Itinerário de ExuAnArca, 2498)

Em que quilombo ou terreiro há penalidade imposta a quem puser os pés descalços cujos tamancos foram utilizados para sabotar as engrenagens da colonização? (Pergunta do ExuAnArca a uma das Anarquias, referindo-se ironicamente às inúmeras insurgências que praticavas, 2511)

Mandem para cá todos os santos e santas evocadas em danças ao fogo de Caveirões em chamadas por Molotovs, porque nossa vontade é que neste morro insurgente em federalismo anarquista com outros morros, haja trato de baile de favela para todos e todas “pode-tudo”! (Panfleto do ExuAnArca, Rio de Janeiro, 2526)

Imagino bem (...) inflama minha imaginação (...) qual era o re-existir de quilombolas ciborgues cujas próteses vieram da metareciclagem de afrofuturismos em rebeldia de kumbas hackers. Se modificaram em poucos saltos quânticos mentalidades de manifesta sensualidade e inteligência, que por culpa de novos orixás libertários se refinaram durante séculos. (ExuAnArcA, *Memórias e Visagens da minha Re-existência*, V vol., 2944)

Eu sou, porque somos o grande povo das Anarquias Pretas, quando nos nossos primórdios que nos foram proibidos, com a diáspora forçada dessa grande federação preta liberta e libertária, nós éramos um grande espírito paradoxal e insurreto. (...)

Este é o cosmos pleno de matéria escura que nos tentaram roubar. Pensam que o Brasil foi embranquecido e pacificado. No entanto, é o embranquecimento e a pacificação que se chama Brasil. Cosmos cristianizado, mercantilizado e nacionalizado com o sangue indígena e negro nas mãos das colônias europeias e do poder central dos Estados Unidos do Brasil.

Esta é a distopia bandeirante-colona-pioneira realizada sobre o cemitério indígena que agora se soma ao cemitério de corpos pretos. (Arriamento para ExuAnArcA – 2980)

Conclusão preta de uma mente escurecida

Logo que finalizei essa anarqueologia de movimento esférico, senti o êxtase do enegrecer o pensamento e o coração. Já estava em mim o pretume da resistência rebelde (cuja a sobrenaturalidade era o artifício mais material nela) e evocava-me de que em todos os momentos me eram abertos para realizar ações diretas com êxito. Eis o momento mais apropriado para a mais profunda autogestão da libertinagem de minha espiritualidade sem espírito.

De que tal poderia ser a mais refinada inteligência para realizar um crime perfeito, aquele do piratear a si mesmo; aquele a acenar-me com a morte daquilo que jamais poderei ser: embranquecido. Em ancestorebeldia futurista tal finalização afasta dos meus pesadelos semelhante alma branca. Ao escavar mai profundamente, mais abismal ainda... pus-me, por fim a encontrar minhas entranhas pretas e anarcas. Ah... como dancei e cantei enlouquecidamente. Gritei o mais alto possível. Cada punhado sucessivo de material escavado me abençoava com novas seduções pretas, porque, ai, eu me realizava, o melhor que me poderia acontecer, ser eu era ser nós. Aprofundi mais minha escavação. Minhas unhas estavam também pretas. Mesmo que a branquitude fantasmática punha-se a me puxar para sua superfície colonial, não abandonei rebeldia alguma. Senti que meu enegrecimento já estava consumado. Se pudessem ter arrancado minha pele escura, tê-lo-ia arrancado, mas seus olhares rudes jamais os percebi como dóceis e aprovadores, mas sim, tolerantes, pois só toleram aqueles que se acham superiores ao que se tolera, pois caso contrário, coexistiriam, nos comporiam.

Ah... os transe do enegrecimento... Meus olhos estão pretos, meus ouvidos pretos, minha boca preta; creio que ser um anti-demônio da perversidade é bater nas costas da má-fé com a larga palma das Anarquias. Tais emancipações, há tanto tempo retidas, irromperam de meu pretume. Dizem que agora me veem com perfeita definição em tons de preto, como se os mais belos orixás das zonas crepusculares me conduzissem pela noite em meio a Elegbá ou Elegbará, Bará ou Ibará, Alaketu, Agbô, Odara, Akessan, Lalu, Ijelu, Ibarabo, Yangi, Baraketu, Lonan, Iná. E todos estes iluminados em suas cabeças com os mais belos símbolos de cada Anarquia.

Tendo escavado tudo quanto era preciso para pleno escurecimento do pensar; assentei-me juntos aos Exus. Que me resta escavar? Hoje guardo estes terreiros anarquistas, estes quilombos ciborgues e estes bailes de favela

em rebeldia na entrada deste morro, desta periferia! Amanhã estarei Exu!
Amanhã estarei Anarquia! Mas o amanhã já o re-existo agora!